

AS MASCULINIDADES EM DEBATE

DEBATING MASCULINITIES

Severino, T. S.¹

¹Faculdade Estácio de Carapicuíba – ESTÁCIO CARAPICUÍBA - SP
professorthiagosaveda@hotmail.com

Resumo

Este trabalho apresenta um debate que atualmente ocorre a respeito da masculinidade, como identidade de gênero, no âmbito da diversidade social e como isso influencia o processo de formação identitária do homem homossexual cisgênero. Tem como objetivos conceituar a ideia de masculinidade constituída historicamente, além de pontuar a sua pluralização na concepção diversa entre os indivíduos. Diante disso, apresenta algumas considerações sobre a relação entre eles e como impactam a formação de homens gays, mostrando que a ideia hegemônica de masculinidade condiciona características estruturantes na formação de um homem gay, tal como a virilidade, pulsão sexual, feminização de outros homens tidos como desviantes, hierarquização opressora e homofobia. Ainda, apresenta contribuições do tema para a reformulação da identidade de homem como um formato único e natural. Enfim, este escrito busca em estudiosos da área referências para problematizar o campo das masculinidades.

Palavras-Chave: Masculinidades; Debate de gênero; Diversidade.

Abstract

This paper presents the debate that currently takes place regarding masculinity, as a gender identity, in the context of social diversity and how it influences the identity formation process of cis-gender homosexual men. Its objectives are to conceptualize the idea of masculinity historically constituted, besides punctuating its pluralization in the diverse conception among individuals. Therefore, it presents considerations about the relationship between them and how they impact the formation of gay men, showing that the hegemonic idea of masculinity conditions structuring characteristics in the formation of a gay man, such as virility, sexual drive, feminization of other men considered as deviants, oppressive hierarchy and homophobia. Still, it presents contributions on the theme for the reformulation of the identity of man as a unique and natural format. Therefore, this writing seeks in researchers of the area references for problematizing the debate concerning masculinities.

Keywords: Masculinities; Gender debate; Diversity.

Historicamente, a masculinidade assumiu formatos hegemônicos, com características determinadas pela força impositiva da cultura machista e patriarcal. No entanto, com os debates e estudos sobre

gênero e sexualidade promovidos por movimentos sociais e áreas acadêmicas, ela deixa de ser concebida como um tipo único e passa pelo processo de apropriação da diversidade (ALMEIDA, 1996). Essas

circunstâncias influenciam o processo de formação identitária do homem gay e, diante disso, este trabalho intenta discutir esta situação a fim de ampliar o debate social a respeito do tema.

O machismo e o patriarcado usando de sua dominância impõe um padrão de comportamento para o ser masculino (LOURO, 1997). Dessa maneira, a ideia de masculinidade sempre esteve atrelada a condições instituídas arbitrariamente e, além disso, concomitantemente cerceando qualquer outro modo de praticá-la, impactando, assim, a formação identitária de homens não-heterossexuais, principalmente, no que diz respeito a identidade de gênero (LOURO, op. cit.).

Todavia, esse ideal machista encontrou grupos de resistência que não se sujeitaram e, além disso, propuseram o debate desse modelo opressor. O movimento feminista teve suma importância nesse processo. No decorrer das suas lutas históricas, esse ocupou seu espaço social de direito, propondo a reconstrução da organização familiar e social, promovendo o acesso à educação e ao mercado de trabalho, e garantindo espaço para ressignificar as identidades de gênero, acolhendo-as e reconhecendo-as (LOURO, 1997). Até, por isso, faz muito sentido pensar os estudos LGBTQI+ sobre as masculinidades como desdobramento dos

estudos identitários do feminismo.

Socialmente construídas, as masculinidades são formatos de expressão de gênero em relação aos outros indivíduos. É o direito fundamental de ser homem, não no sentido biológico, mas na forma de existir e ser livre para ser. Almeida (1996, p. 2) define e justifica a atribuição social do homem, não somente como a concepção cultural de um dado natural, mas como um processo de elaboração contínua, frágil e disputada. Ainda, segundo o mesmo autor, “a manutenção desse processo é permanentemente vigiada e, sobretudo, autovigiada. O homem é socialmente cobrado e deve, o tempo todo, evitar posturas não másculas e, também, fornecer provas de sua masculinidade.” Essa masculinidade construída durante a vida é considerada um atributo que, assim como se adquire, pode ser perdida conforme as circunstâncias e a história de cada indivíduo (HARDY & JIMENEZ, 2001, p. 8).

Apesar de atualmente estar sendo presenciada a transformação da ideia de masculinidade, ainda é muito presente socialmente uma versão heterocentrada desse conceito, como formato padrão-normativo (HARDY & JIMENEZ, 2001). Nesse caso, em relação à sua sexualidade e gênero, o homem tem que se apropriar das características estruturais das masculinidades hegemônicas heterocentradas na sua

formação identitária, tais como: virilidade, pulção sexual, alta hierarquização, posição social de privilégios ante os outros gêneros, homofobia e feminização daquele que se concebe como um desviante da normalidade estabelecida pelo grupo hétero-dominante (NADER & CAMINOTI, 2014).

Acima de tudo, é importante ressaltar que as masculinidades hegemônicas heterocentradas comumente são compostas de maneira que não condiz, verdadeiramente, à vida de um homem real. Todavia, essas referências expressam, em diversos sentidos, ideias, fantasias e desejos amplamente difundidos (CONNELL & MESSERSCHMIDT, 2013). Nesse contexto,

“A masculinidade, construída socialmente nos homens, possui um elemento chave que é a relação de poder que existe entre eles e as mulheres [e outros homens]. O poder não é algo que uma pessoa ou grupo possua, e sim uma relação que se estabelece entre dois polos. Para que a relação de poder seja efetivada, é necessário que exista um meio que a conduza, que pode ser ideológico, econômico ou coercitivo (força). (NADER & CAMINOTI, 2014, grifo do autor)”

Bourdieu (2002) amplia a visão sobre o campo da dominação masculina. Ela, que antes se concentrava mais no espaço doméstico, é definida em todas as configurações de dominação. Homens e mulheres absorvem “sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de

apreciação as estruturas históricas da ordem masculina”.

Nesse sentido, os homens são impactados ao longo de toda a sua formação de indivíduo pela ideia de masculinidade em vários contextos: na família, na escola, na igreja, no grupo de amigos, no trabalho, no lazer, no esporte, nas baladas, interpelados pela mídia e por meio de políticas do estado. Diante disso, é justo que os homens tenham o direito de se orientar pela diversidade das masculinidades, pois essa garante maior liberdade para ser e diminui a pressão de ser um formato indesejado, único, opressor e arbitrário (SILVA, 2007).

A diversidade das masculinidades garante possibilidades maiores de participação e de expressão de gênero na sociedade, por isso a sensação de liberdade é maior, o que diminui a sensação de opressão (SILVA, op. cit.). A liberdade é um bem individual valioso que nos move a existir com mais resiliência.

Nesse sentido, ser livre nas masculinidades é ter o direito à diversidade das masculinidades garantidas na vida em sociedade, assim, a expressão de gênero ganha sentido em nossa existência. No entanto, é relevante ressaltar que a História da masculinidade está atrelada ao homem da elite branca, heterossexual cisgênero, cristã-capitalista, a qual determinou os seus

aspectos (BOURDIEU, 2002). O poder deste grupo, constituído dentro de uma cultura machista e patriarcal, fez com que sua ideia de masculinidade fosse tida como a única e verdadeira, logo, a única natural possível (BUTHLER, 2003).

Em “A dominação masculina”, de Pierre Bourdieu (2002), se reforça que a ideia de masculinidade que circula amplamente é aquela constituída com o advento do cristianismo nos países euro-ocidentais ao longo da era moderna. Essa ideia de masculinidade constituiu o formato padrão-normativo e, também, é a base dos formatos hegemônicos. Bourdieu define a dominação masculina como uma violência simbólica, invisível a suas próprias vítimas e fundamentalmente realizada pelas vias simbólicas da comunicação e do conhecimento; sendo esses os principais campos de elaboração e imposição de suas premissas.

Para Bourdieu, a questão central seria a de desvelar os processos encarregados pela transformação da história em natureza, do arbitrário cultural em natural; então, reconduzindo seu caráter puramente arbitrário e contingente à diferença entre o masculino e feminino. Os aspectos biológicos, ajustados aos efeitos reais nos corpos e mentes, do “longo trabalho coletivo de socialização do biológico e de biologização do social” (p. 4),

seriam suficientes para inverter efeitos e causas, naturalizando, assim, essa construção social. Dessa maneira, conforme o autor, ao longo da socialização homens e mulheres incorporam - como esquemas inconscientes de percepção e apreciação - as estruturas históricas da ordem masculina. Portanto, esses assumem o risco de procurar compreender esse fenômeno e de usar formas de pensamento que são, também, produtos dessa mesma dominação.

Ainda para Bourdieu (2002), é corrente aos dominantes a propensão de apresentar como universal o seu feitio particular de ser, sendo um indício da força da dominação masculina o fato de que esta desobriga qualquer justificativa. A ordem social reforça essa dominação de maneira efetiva - inclusive quanto à estruturação do espaço e do tempo - por intermédio da segmentação social do trabalho, cujos atributos são bastante dessemelhantes para os dois sexos. Portanto, “as disposições (habitus) são inseparáveis das estruturas (...) que as produzem e reproduzem, tanto nos homens como nas mulheres” (p. 27) e a “violência simbólica se institui por intermédio da adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante” (p. 23) como um poder simbólico, “cuja eficácia depende da posição relativa daquele que percebe e daquele que é percebido, e do

grau em que os esquemas de percepção e apreciação postos em ação são conhecidos e reconhecidos por aquele a quem se aplicam” (p. 40).

Os estudos sobre a mulher denunciaram uma hierarquia social na qual uma suposta superioridade do homem daria a ele autorização para dominar, explorar e, até mesmo, violentar as mulheres **[e outros homens]** (SAFFIOTI, 2001, grifo do autor). A heterossexualidade é tomada como modelo superior de conduta com a subordinação sutil das demais sexualidades (WELZER-LANG, 2001). Neste modo de gestão de corpos e desejos, as pessoas que querem viver sexualidades não-heterocentradas enfrentam a estigmatização e a violência das diversas manifestações homofóbicas (SMIGAY, 2002). A homofobia pode ser entendida como uma necessidade de se afirmar uma postura de virilidade diante da repulsa em relação a identidades que subvertem as prescrições sociais para a masculinidade.

Nesse cenário, o estigma de um segmento social coloca indivíduos em uma posição de depreciação e pouco prestígio (SMIGAY, 2002). Geralmente as pessoas interpretam o estigma como um atributo de inferioridade ou como uma fraqueza moral. Quando alguém é reconhecido como portador do estigma, este passa a ser percebido como alguém sem valor e os

outros acabam se afastando dele (SILVA, 2007).

A ideia de homem é bastante debatida, formulada, reformulada e amplamente disseminada desde quando o homem passou a se perceber como tal e refletir como ser. No entanto, para uma pessoa homoafetiva, essa ideia de masculinidade não cabe, pois o formato para homens heterossexuais não sustentam o modo homossexual nem em comportamento e nem em pensamento (GOUVEIA & CAMINO, 2009).

Diante disso, a ideia de homem homossexual cisgênero, aqui, está pautada nos estudos advindos da área de estudos LGBTQI+. Um sujeito homossexual masculino é visto como alguém que adota comportamentos do sexo oposto. Por isso, a homossexualidade masculina é estigmatizada (GOUVEIA & CAMINO, 2009).

A vivência da identidade masculina homossexual é marcada por uma ambivalência entre a submissão e as tentativas de rupturas em relação à heteronormatividade (GOUVEIA & CAMINO, 2009). Alguns sujeitos se posicionam de forma submissa à heteronormatividade, com a adoção da identidade masculina heterossexual como norma e as demais sexualidades como desviantes. Esses sentem necessidade de viver nos parâmetros da heterossexualidade

(JUNQUEIRA, 2007). Por outro lado, a ideia da vivência da identidade masculina homossexual se dá em um processo de construção de diferenciação de uma identidade heterossexual, que já é dada pelo contexto social (JUNQUEIRA, 2007).

Assim, atrelada à dominação masculina, a visão heterocentrada elege a sexualidade heterossexual como legítima e as demais como marginais. A dominação masculina heterossexual cisgênero fez com que os diversos gêneros ficassem marginalizados e foram assim sucumbidos por meio do poder desta masculinidade hegemônica. Dessa maneira, as possibilidades de ser masculino fora da ideia hegemônica foi limitada, ou seja, a hegemonia limitou a diversidade das masculinidades (WELZER-LANG, 2001). Isso levou a usurpação do direito do homem gay cisgênero de ser reconhecido como um ser masculino no seu formato próprio de se expressar, o excluindo da ideia de ser masculino no campo ideológico (WELZER-LANG, 2001).

A ideia de masculinidade heterocentrada tida como a única verdadeira e, por isso, a única natural possível, impacta na formação identitária do homem de modo geral. Isso, pois no âmbito da formação em termos de identidade sexual, ainda vivemos em uma sociedade heteronormativa, onde o esperado é a

união heterossexual, sendo as demais expressões de orientação sexual consideradas aberrações e desvios (JUNQUEIRA, 2007).

Na construção da identidade homossexual, as percepções e significados sobre a homossexualidade desempenham um fator de suma importância. Existem os significados que os indivíduos homossexuais atribuem à homossexualidade, bem como a compreensão das maneiras pelas quais a sociedade percebe a homossexualidade (JUNQUEIRA, 2007). A percepção do indivíduo sobre os significados atribuídos pelo social interfere diretamente na sua forma de expressar, viver e compreender a sua orientação sexual, por isso, no âmbito da expressão social de gênero é preciso problematizar o lugar do homem gay na sociedade, articulando dois sustentáculos: a dominação masculina e a visão heterossexualizada de mundo. É importante ressaltar que a perspectiva de gênero favoreceu a desconstrução da ideia de que a anatomia é o destino, por isso, existem homens que não se encaixam e nem querem se encaixar neste formato hétero-hegemônico. É neste momento que o formato único cede espaço para a diversidade, então, o homem pode assumir quaisquer características que lhe convir e assim o desejar para participar e expressar socialmente o seu gênero (JUNQUEIRA, 2007).

A diversidade de masculinidades para os homens é o modo deles comunicarem quem são. É fazer saber para tomar parte nas suas relações com os outros, apresentando seus traços comuns. Enfim, informar e compartilhar sua natureza.

Também, é o modo deles manifestarem-se por palavras, gestos, atitudes, costumes, assim se revelando para os outros, dando a conhecerem quem o são, o que pensam, o que fazem. Desse modo, eles se tornam um símbolo diante dos demais, porque passam a representar algo de acordo com o que comunicaram. Enfim, a expressão de gênero significa o que eles são para os outros.

Diante disso tudo, a construção histórica da masculinidade assume a diversidade como elemento balizador, mesmo que ainda existam formatos hegemônicos, com características determinadas pelo machismo e pelo patriarcalismo. Todavia, os debates e estudos sobre gênero e sexualidade que ocorrem no domínio dos movimentos sociais e áreas acadêmicas favorece esse processo de ressignificação. Essas circunstâncias impactam o processo de formação identitária do homem homossexual.

Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, M. V. Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do Sul de Portugal. In **Anuário Antropológico 95**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.1996.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Tradução: Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2ª edição, 2002.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CONNELL, R. W.; Messerschmidt, J. W. Masculinidade Hegemônica: repensando o conceito. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(1): 424, janeiro-abril, 2013. pp. 241-282.
- GOUVEIA, R.; CAMINO, L. Análise psicossocial das visões de ativistas LGBTs sobre família e conjugalidade. **Psicologia Política**, São Paulo, v. 9, n. 17, p. 47-65. 2009.
- JIMENEZ, A. L.; HARDY, E. Masculinidad y Género. **Revista Cubana Salud Pública**, v.27 n.2 Ciudad de La Habana jul.-dic. 2001.
http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-34662001000200001
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. **Revista Bagoas**, Natal, v.1, n.1, p. 145-165. 2007.
- LOURO, G. L. **Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva Pós-Estruturalista**. Petrópolis, Vozes, 1997.
- NADER, M. B.; CAMINOTI, J. M. **Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica**. 2014.

- SAFFIOTI, H. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 01, n. 16, p. 115-136. 2001.
- SILVA, V. G. A visibilidade do suposto passivo: uma atitude revolucionária do homossexual masculino. **Revista Mal-estar e Subjetividade**, Fortaleza, v. 7, n. 1, p. 71-88. 2007.
- SMIGAY, K. E. Sexismo, homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. **Psicologia em Revista**, v.8, n.11, p. 32-46. 2002.
- WELZER-LANG, D. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Estudos Feministas**, v. 09, n. 02, p. 460-482. 2001.